

Assine/Anuncie: O RelevO não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo. com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama **Enclave** e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Yuri Campagnaro (instagram.com/vuricampagnaro).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 20 Dan Porto; Anderson Quadros; R\$60 Mauro Guidi-Signorelli; R\$ 65 João Pedro Tavares; Suzi Márcia Castelani; Alcemir Emmanuel Dos Santos; Fernando Faisca Rosa; R\$70 Raphael Cerqueira Silva; Lycio Velloso Ribas; Ramon Ferreira Santana; Guímel Bilac; Rômulo Cardoso; Luiz Antonio Guimarães Cancello; Fabíola Fontana; Zeh Gustavo; André Andrade; Celia Regina Celli; Ramon Batista Ribeiro; Hélio Vasconcelos; Ademilson Filocreão Veiga; José Antônio; Francisco Mecking; Yuri Campagnaro; Dani Zandonai; Mauricio Ribeiro; Lorena Grisi; Elaine Pinheiro; Pablo Bonilla Chaves; Céline Bernard; Jéssica Silva; Felipe Feijão; Jamille Carvalho Santos; Lucas Freitas da Rosa; Eduardo Pereira de Souza; Joabe Nunes; José Wildzeiss Neto; Bruna Mibielli; Carla Oliveira; Valentina Leite; Carol Rodrigues; Luana Pereira; Ronaldo Duarte; Flávio Izhaki; Fabiano Favretto; Marlene Gonçalves; Piotr Kilanowski; Carolina Bataier; Alírio Karina; Flávio Sanso; Alberto Arecchi; Luís Felipe Mendes dos Santos; Andreia Fernandes; Ivan Ivanovick; Shelly Bhoil; Wellington Cesar; Valeska Brinkmann; Felipe Castro; Adriana Baggio; Alexandre Senechal; Will Filho; Rogério Scarione Jr.; Helcio Junior; Daniel Montoya; R\$ 75 Zaclis Veiga; R\$100 Lindevania Martins; Jessica Claros; Leonardo Barroso; R\$ 105 Klaus Pettinger; José Carlos da Silva; Taiana Bubniak; R\$110 Antonio Carlos Ribeiro Junior; R\$120 João Henrique Balbinot; R\$135 Célia Oshima; Guilherme Balarin; R\$140 Renata Stuani; Eduardo Roemers; Elaine Pessoa; Pâmela Rodrigues; R\$150 Glauco Mažrimas; R\$210 Alex Zani; R\$250 Paulo Lacerda.

TOTAL: R\$ 6.640

ANUNCIANTES:

R\$ 240 Maria Catarina Correa Gestinari; R\$ 200 Whisner Fraga; R\$ 60 Gato Preto Livros; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 530

(-) CUSTOS FIXOS Gráfica: R\$ 1.500

Escritório: R\$ 320 Embalador: R\$ 100 Autores e ilustradores: R\$ 420 Editor-executivo: R\$ 1.200 Editor-assistente: R\$ 350 Mídias sociais: R\$ 350 Diagramação: R\$ 150 Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400 Correios: R\$ 1.692

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: R\$ 7.170 (-) Saídas totais: **R\$ 7.174**

(=) Resultado operacional: -R\$ 4

Agosto/2022

Editor: Daniel Zanella

Editor-assistente: Mateus Ribeirete

Ombudsman: Nuno Rau Revisão: Às Vezes Projeto gráfico: André Infografia: Bolívar Escobar Advogado: Bruno Meirinho

OAB/PR 48.641

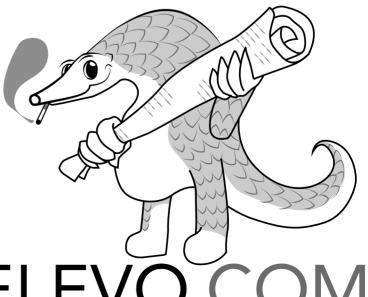
Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de julho de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri Bruno Meirinho Celso Martini Cezar Tridapalli Morgana Rech Felipe Harmata Jacqueline Carteri Osny Tavares Whisner Fraga



instagram.com facebook.com twitter.com twitter.com medium.com

CARTAS

Em julho, o RelevO colocou em dia, finalmente, sua caixa de entrada de textos para a avaliação do Conselho Editorial. Entre bons diálogos e conversas proveitosas sobre nossos critérios, tivemos, como havia de ser, alguns mais, digamos, emocionados. Ressaltamos que recebemos todos os retornos a seguir.

Renata Duque Vocês demoraram mais de um ano para responder que pensei mesmo que não iriam publicar. Não tenho mais interesse em publicar. Também não tenho interesse em receber nada. Não sei o que todo mundo tem contra esse conto que escrevi aos 16. A professora me deu nota baixa porque achou que copiei de alguém. Já participei de concurso, nunca ganhei. É a mais simples das minhas histórias. Chega a ser infantil, sim, pois criei numa época em que era um menino muito inocente. Depois que vi a maldade humana de perto, escrevi outras histórias mais fortes. O GATO **OUE TROCAVA TIRO COM A POLÍ-**CIA é um exemplo. Tenho vários textos. Vários. Mas não quero mais publicar assim. Vocês são injustos comigo. Tratam-me como se eu fosse um nada. Falo de todos os sites literários. Todos. Sempre falam que não vão postar pois não é do interesse. Sempre e sempre. Vocês do meio literário são injustos comigo. Falo sinceramente. O que vocês querem? Se mando algo simples, pacifista, não gostam. Se mando putaria, não gostam também. Ah, vão se danar. Não mando mais nada mesmo. Nem para vocês, nem para outros sites literários. E a maioria de vocês não pagam. Pensei que tinha sido rejeitado mesmo. Rejeitado? Não querem publicar, postar em site, ótimo. Tinha pedido mesmo para não, acredito que não leram. Mas mesmo assim é chato isso. Muito chato mesmo. Eu que não quero publicar nada de graça ou com pouco dinheiro. Não estou interessado em receber jornal. Tinha mandado um e-mail falando que não queria publicar mesmo. E meu nome não é RENATA. Daniel, você parece ser bem metido, por isso que não quero saber do lixo do seu jornal. Vai tomar no meio do seu cu.

Feliciano Moreira Diligente articulista, gostaria de saber se o texto foi ou será publicado. Agradeceria ter um feedback. Pretendo comprar 50 exemplares do jornal para manter em meus arquivos...

Ramiro Gregorin Uma devolutiva negativa quase um ano depois parece piada de mau gosto, sinceramente...

Ronald Cabello Se meu material não está de acordo com sua linha editorial, então creio que sua linha editorial não está de acordo com o meu gosto.

Alex Viana Imagina, não há por que pedir desculpa alguma [pela demora na devolutiva]. Achei curioso o parecer recebido, de todo modo agradeço pelo retorno. Quanto ao envio de novos materiais, é improvável que aconteça. Não tenho ânimo para adivinhar a linha editorial das próximas edições.

Vanderley Gonçalves Olá, boa noite. Sim, passaram-se dias, mas ainda assim vocês responderam. Eu entendo a linha editorial, não é problema. Situações assim foram recorrentes com meus textos e a minha alternativa foi reunir tudo e publicar um livro. Lá eu publiquei essa crônica e mais outras. Fui agraciado com a menção Top Seller pela minha editora e hoje sou o 9° mais vendido da editora.

ANTES DOS RETORNOS...

Alana Ritzmann Queria dizer o mesmo [sobre o Jornal agradecer pelo apoio financeiro da antiga assinante], mas não tive nenhum tipo de resposta quando tentei submeter meus escritos no projeto. Deveras, esperava um retorno qualquer... Quando é pra refazer a assinatura, pessoal responde, me acha, me procura... Agora quando é pra dar um retorno a esse respeito, somem. Fiquei sentida com a discrepância e conformada com o papel exclusivo de leitora. O RelevO é incrível, continuem bombando os papelitos!

AGORA, AS CARTAS-CARTAS

Marco Aurélio de Souza Não sem espanto é que tomamos nota do desagravo cometido pelo Sr. Ademir Demarchi à nossa pessoa na edição de julho deste heroico jornal, por meio de carta absolutamente despropositada, que mais parece um garimpo de estrumes no vazio. No texto do Sr. Demarchi, as ofensas caem sobre nossos olhos como gotas caem numa chuva, sem que entre elas se reconheça qualquer intenção de semear a pureza do bem ou germinar a boa poesia. Ora, não entrarei em detalhes quanto à sua apreciação dos e das poetas publicados no RelevO, pois o sêmen da minha contrariedade poderia fecundar nestas doces páginas um feto de infinitas discórdias, e a ele nós teríamos daquele amor de quem é mau; o amor de quem ama com maldade. Vemo-nos obrigados, porém, a responder seu texto na medida em que nos cita diretamente, na qualidade de desocupados e, mais que isso, afortunados poetas que, sob as intenções mais escusas, bancariam este jornal mediante recorrentes e suspeitas assinaturas, esperando, com isso, alguma generosa retribuição do editor, certamente sob a forma de novas e insistentes publicações. Ora, Sr. Demarchi, saiba que o céu está cheio de imortalidades, e muitas delas foram geradas pela infâmia de cartas como a sua, pois, embora a língua seja doce, os peixes morrem sempre pela boca. O que talvez o senhor não saiba é que a recorrência de nosso nome no jornal tem explicação bastante lógica e razoável, e está fundada na exploração capitalista a que todos estamos submetidos, mesmo aqueles que se dedicam às artes do espírito. Ocorre que, ao contrário de Fernando Pessoa, que era apenas um homem, mas escrevia como muitos, nós hoje somos muitos homens (e mulheres também) que escrevemos apenas como um. Isto porque, desde outubro de 2017, expandimos nossa marca no mercado literário investindo em franchising, o que, na prática, para leigos como o senhor, significa que agora contamos com centenas de colaboradores que escrevem e assinam como Marco Aurélio de Souza, de modo que muitas vezes nossas filiais acabam negligenciando os territórios de venda já ocupados, enviando seus produtos para o mesmo veículo em meses subsequentes. Embora não devamos a você ou a qualquer outro crítico ressentido maiores explicações, em respeito aos leitores e às leitoras que possam ter se sentido lesados com nossa demasiada presença, informamos que a Marco Aurélio de Souza Poetry & Laundry Holding Co. está, no momento, investindo seus capitais em estratégias de geomarketing que minimizem os impactos do que, no meio corporativo, é conhecido como soft shit overexposing, fenômeno ligado à virtualidade atual dos mercados, de que qualquer escritor bem-sucedido está sujeito a ser vítima e, por que não?, às vezes causador também. Deixamos aqui nossas sinceras desculpas ao publisher do jornal, sr. Danilo Zanelli, pela usurpação indevida dos espaços mais nobres de seu prestigiado periódico, e ao sr. Demarchi não temos mais a dizer se não isso, que talvez o insulte o divirta a um só tempo: chupa, cachorro.

Thamíris Langue Prezados ombudsman Nuno Rau e publisher Daniel Zanella. Sobre a edição de julho, é contraditório que o RelevO seja "o humor que acende a vela necessária para sobreviver aos espasmos da escuridão" tendo, pois, como pauta humorística do mês o "Mapa Baixo Astral", que afunda qualquer pessoa com inteligência e sensibilidade nas trevas. Sei que a gente nasceu no século passado (será que já tem assinantes nascidos neste século?), e que essa coisa do "politicamente correto" é sacal. Todavia, "Mapa Baixo Astral" passou das estribeiras, pra não dizer que chegou na estrebaria. Percebo que o **RelevO** é mais que um jornal, é uma obra de arte. É importante insistir que é capaz de um humor inteligente, não precisa recorrer às vias preconceituosas, nas quais se percebe mais claramente a linha homofóbica, de um Julião preocupado em ser "gayzão", e misóginas, que rebaixa a inteligência de uma suposta Milena, de 25 anos, ao compará-la à inteligência de um garoto de 12 anos, infantilizando-a, e pior, injuriando-a por seu "histórico de piranha" e objetificando-a "até seu corpo pertencer à torcida organizada do diabo". Isso não tem graça nenhuma, senti é vergonha alheia. É humanamente retrógrado e deselegante. Não é segredo para o editor que eu gosto de mapa astral, acredito nisso e até já vendi mapa astral. Não acredito em previsão astral, mas aprecio como um mapa astral tem sincronicidade com tipos psicológicos, traz autoconhecimento. Bom, explicar isso para vocês é desnecessário e inútil. Quero dizer que, apesar disso, minhas críticas não perpassam diretamente a uma ofensa pessoal à astrologia, porém a estas outras leituras de mundo que aqui estou apontando. Eu também já me peguei perguntando como seria um mapa astral de um extraterrestre, e isso é engraçado. O que não tem graça, outrossim, é a resposta dada à suposta Marília, de 32 anos. Me fez pensar que alguém deveras deprimido ao ler isso pode realmente se matar. A literatura tem dessas coisas de alteridade, e me colocar no lugar da Marília foi doloroso, fiquei imaginando a responsabilidade social dessa resposta, se nada disso fosse literatura, mas vida real. Antes que o Daniel Zanella comece a me explicar o bê-a-bá de como funciona a literatura, e foda-se o que as pessoas interpretarem, e educadamente me mandar tomate cru (e eu tenha que explicar o bê-a-bá de uma pessoa que teve suicídio na família), apenas quero afirmar que, na minha opinião, sim, por mais artístico que o RelevO, seja ele é sim um meio de comunicação e precisa ter um pouquinho de responsabilidade

social e por mais distante que ele esteja de um "jornal de embrulhar peixe" e longe de cânones cujos slogans são prepotentes, vejo vocês em polvorosa pedindo assinantes, então é importante que não matem os assinantes que já têm por suicídio/depressão. Voltem ao humor inteligente! Certa vez o editor disse que sou divertida e que gosta do meu senso de humor, embora tenha sido uma forma polida de me dispensar, creio que foi também sincero, quem sabe talvez possa ser útil ao jornal, posso criar algumas coisas ou revisar. Fico à disposição. Aproveitando o ensejo, gênios da literatura, tenho mais três pedidos:

CARTA 1

Nota de falecimento Comunicamos o falecimento de Marília, 32 anos, após ler o Mapa Baixo Astral, de julho. Em seu epitáfio está Mateus 12:36,37.

CARTA 2

Sobre "Mapa Baixo Astral", de julho, como tenho Mercúrio retrógrado em Touro, resumo aqui minhas palavras dirigidas à astróloga Lucila Sombra para: "vá à merda!".

CANCELAMENTO

Quero cancelar o envio do Jornal para os C.E. Luiz Sebastião Baldo e C.E. Bento Munhoz da Rocha, ambos em Colombo--PR. Obrigada.

Kalew Nicolas, do projeto Logopeia Entre a tradição e a diluição: um comentário ao RelevO. O poeta Nuno Rau, em sua coluna de ombudsman para a edição de julho, trouxe um tópico importante: "Não sei se vocês também sentem que quase tudo que vem na esteira do que se convencionou chamar de pós-modernismo soa como uma espécie de vale-tudo, de diluição, repetição insossa". Em seguida, o autor diz que na literatura "esse fenômeno tem muitas faces, e quase todas passam por um completo desconhecimento da História e da tradição". Sabemos que, politicamente, a palavra tradição carrega uma série de significados. Pode ser que você enxergue esse conceito com bons olhos, mas pode ser que essas oito letrinhas te causem uma imediata repulsa. Qualquer que seja o caso, no entanto, precisamos abordar o assunto do ponto de vista da poética. Por isso, comentarei algumas falas do colunista que são importantes. Afinal, qual é a importância da tradição? Alguns dias atrás, compartilhamos em nossa página no Instagram uma frase do Marcus Accioly, que trata do tema: "Conservar a tradição como tradição é parar a história ou inverter o tempo; escrever sem uma raiz clássica é o mesmo que plantar uma árvore no ar". Esse é o papel da tradição: mostrar o que veio antes de nós para que saibamos o que fazer daqui pra frente. Sobre o assunto, uma das falas de Nuno Rau nos chamou especial atenção: "talvez tenhamos nos perdido num labirinto de problematizações de tal modo capilarizado que não possibilita a reunião de tudo numa grande frente de real renovacão dos modos de vida". Quando olhamos para a produção contemporânea e as discussões acerca do verso, vemos que muitos ditos poetas não possuem definições claras do que é poesia, do que é um poema e do que é Beleza. Tudo se perde em um mar de abstrações: "poesia é tudo aquilo que toca a alma" ou "beleza é tudo aquilo que faz seu coração bater mais forte". Isso não serve ao poeta, assim como uma definição lírica

do que é eletricidade não serve de nada ao engenheiro. Sobre a diluição da poesia e a aparente falta de técnicas, o poeta diz: "todo o desenvolvimento de técnicas, das quais o enjambement é apenas um exemplo, parece desconhecido, ou é desconhecido mesmo, e aí toda a aventura de escrita das gerações anteriores fica relegada ao desprezo, a uma zona de sombra, tendo como resultado que cada vez temos menos ferramentas de leitura e interpretação do que é escrito". O comentário foi certeiro: a diluição da poesia, tendo sido problematizada sua definição, faz com que haja um desconhecimento sobre as técnicas e os materiais mais básicos da arte do verso. Ou, de acordo com as definições de Ariano Suassuna em sua Iniciação à Estética, há um desconhecimento não apenas da técnica, mas também do oficio, que é a parte material de cada arte, sobre a qual não há nenhuma liberdade. Para estudar, precisamos antes de mais nada definir o objeto de estudo. Se você deseja se aprimorar em técnicas de panificação, você primeiro precisa saber o que é um pão e o que não é. É por isso que é tão importante ter uma definição de poesia, mesmo que haja teóricos e poetas que discordarão de nós: precisamos definir o assunto da nossa conversa. Um poeta precisa de uma definição do que é e do que não é poesia para ele — e a definição frouxa da pós-modernidade faz com que ele saia do nada e vá para lugar nenhum, uma vez que "poesia é tudo que eu digo ser poesia". É interessante que o colunista toca na outra face do problema: "Existe, no entanto, um outro polo na produção de hoje, que é a de poetas que conhecem muito sobre versificação [...] mas cuja produção parece não ter se descolado do século 19". O autor contrasta tais poetas, que chamo carinhosamente de "nerds de poesia", ao Drummond de Claro Enigma, a fim de mostrar na prática que é possível haver domínio das técnicas sem que os versos fiquem presos ao tecnicismo vazio. Ser artista vai muito além de inserir frases em estruturas definidas pela tradição, chegando a ser desesperador ler um soneto inteiro que não tem nenhuma motivação artística para existir. Aristóteles, na Poética, hierarquizou os componentes da arte: os meios (ofício e técnica), a moral e o pensamento. A poesia, nessa concepção, jamais deve descambar para a retórica ou para o moralismo, mas é necessário que esses componentes existam. Utilizando o jargão popular: não se faz arte apenas com "forma", sem "conteúdo". Não basta ser nerd: o versejador precisa ser artista para ser poeta. São essas as teclas em que mais batemos: a poesia se apoia na tradição, sendo definida, analisada e criticada de forma objetiva; mas, por outro lado, não podemos permitir que a arte do verso seja reduzida a um oficio fetichista ou matemático. Pegando de novo emprestadas as palavras de Marcus Accioly: "A tradição tem pernas, assim como a imaginação tem asas." É permitido aos versos que voem, mas sem as pernas não há pouso.

Hellen Albuquerque Oi, humanos do RelevO! Como estão? :) Sempre quis conhecer vocês, mas nunca rolou. O lado bom de não nos conhecermos é que posso enviar umas coisas que escrevi sem pavor de julgamento — ou com ele um tiquinho diminuído. Agradeço por vocês ousarem trabalhar com cultura no Brasil e por fazerem de Curitiba um lugar menos jacu. Saudações curiosas.

Pedrinho Bohp Aproveito para parabenizar ao Jornal e seus idealizadores, salvo sua proposta que tange, também, à democratização do acesso bem como à preservação do meio cultural, essencial ao desejo tão almejado de melhora da humanidade. Estarei acompanhando as redes sociais do Jornal e, logo mais, envio novos textos para avaliação do Conselho Editorial. Atenciosamente.

Bruna Mibielli Espero que tenhamos um panorama melhor nos próximos anos, para que eu possa contribuir ainda mais. Continuem com o trabalho maravilhoso! Mostro em sala de aula sempre que chega aqui a edição nova. Leio e depois sorteio entre alun@s. Pessoal do Jornalismo, do Cinema e das Artes Visuais piram! Abraços!

Elaine Pinheiro Eu adoro o Jornal, levo para meus alunos depois que leio e eles amam os textos.

Ismael Alencar Tranquilo, como estão por aí? "Profissões mais top do agora", da edição de junho, cara, que texto.

Mayk Oliveira Boa tarde! O RelevinhO tá na mão e dando show. Mais uma edição fantástica e a culpa do editor está cada vez menos alta. Deixa a literatura iluminar o acaso.

COITADO DE NÓIS

Guy Monteiro Chegou o Jornal, sim. Muito obrigado. Me fez lembrar um pouco de *O Pasquim*, o mais importante nanico da imprensa brasileira de todos os tempos — guardadas as devidas proporções, é claro. Afinal, vocês nem deviam ter nascido na época do velho Pasca.

OPICINÃO

Rômulo Cardoso Poderia ser o Ópiocino, não? Muitos padres bruxos, que largaram o ambiente eclesiástico, gostavam do lance de ficar "ligadão" e foram para as tais ciências ocultas! Será que pode ter referência com as obsessões do publisher? Aliás, a capa do mês é absurda; o **RelevO** é uma espécie de álbum fonográfico conceitual, dos bons, em forma de papel.

Marcelo Almeida Essa capa está maravi-

Marcos Cestari Essa capa é um abuso! Quero-a logo adentrando a minha mente aqui!

Leo Coelho Caramba, que capa. Sucesso! Estamos juntos!

Dan Porto Uau! Preciso desta edição.

MEU NOME NÃO É RENATA

Renata Duque Você é muito metido. Rejeitou meu conto pois sabe que sou melhor que você. Você ainda vai ouvir falar muito do meu heterônimo ESTEVO QUENGO e também dos meus dramas. Vou guardar esse conto para publicar como infantojuvenil. Grandes merdas você. Você é mais um desses carinhas que se acham porque escreve ou porque tem a porra dum jornal. RENATA o caralho. É RENATO. Enfia a revista no meio do seu cu gordo. É RENATO!

EDITORIAL

"Hoje pavão, amanhã espanador"

Um impresso de literatura vive de pequenas conquistas não simbólicas. Por exemplo, a gráfica. Pagar a gráfica não é alegórico. Não temos como permutar a gráfica ou convencê-los de que os preços subiram e "esse mês tem como pendurar?". O mesmo vale para todos os nossos insumos: itens de papelaria, envelopes, combustível, manutenção do carro do jornal — o prestidigitado RelevOMóvel. Estar em dia, para nós, equivale a continuar em circulação. Portanto, é um sintoma de nossos acertos.

Nesse cotidiano em que a logística é muito importante – e, certamente, o coração operacional do Jornal –, às vezes deixamos certos vácuos editoriais sem solução (ou apenas com sistemas de continuidade duvidosos). Como já relatamos em editoriais recentes, sempre tivemos muita dificuldade de estar em dia com as leituras dos textos encaminhados para avaliação ao nosso Conselho Editorial. A situação já foi tão desesperadora que chegamos a ter dois mil textos não lidos. Na pandemia, o drama se acentuou.

Pois bem: em julho, conseguimos, enfim, zerar a caixa de entrada, ou ao menos encaixá-lo no que a nossa própria política de publicação alega ser o ideal: "Tentamos, mas não conseguimos acusar recebimento. Se você não receber retorno em 60 dias, não utilizamos o material. Se o aprovarmos depois deste prazo — estamos em constante atraso —, evidentemente entraremos em contato. Textos selecionados têm sua aprovação comunicada antes do fechamento da edição". Em suma, os textos não lidos (menos de 40) agora se encontram na margem de retorno.

Além das leituras, retornamos individualmente para cada autor ou autora não selecionada. Reforçamos que o material não será utilizado pelo nosso Conselho Editorial e que isso não significa, de modo algum, que o trabalho não tem potencial literário: apenas não se encaixa na linha editorial das próximas edições. "Fique à vontade para submeter outros materiais quando quiser" foi o tom que buscamos apresentar, entendendo que estamos em um circuito interligado, o dito meio literário. [Nós mesmos publicamos textos que hoje não publicaríamos apenas porque... mudamos, como tudo na natureza.]

O **RelevO** não é um periódico de um banco ou de um órgão público. Nossa equipe é enxuta, regular e preza por transparência (talvez até com um certo grau obsessivo). Assim como trazemos a público a satisfação de, depois de mais de três anos, estar com a caixa de entrada em um nível decente, também dividimos os melhores-piores retornos dos recusados, *curiosamente* todos homens. Você pode conferir tudo na nossa seção de cartas, em que apenas mudamos os nomes dos autores porque é justamente dessa união entre ego frágil e tempo livre que nascem alguns processos.

Reiteramos aquilo que consta nas nossas orientações há anos: "Tentamos, mas não conseguimos acusar recebimento. Se você não receber retorno em 60 dias, não utilizamos o material. Se o aprovarmos depois deste prazo — estamos em constante atraso —, evidentemente entraremos em contato. Textos selecionados têm sua aprovação comunicada antes do fechamento da edição. Uma recusa absolutamente não impede novas tentativas. Não tome a avaliação como pessoal. Se você não tem preparo emocional para receber um não — todos nós já recebemos vários —, por favor, não nos envie seu trabalho". Também sabemos há muito tempo que autointitulados não leem edital algum.

Nada do que recebemos como retorno negativo nos surpreendeu. Sabemos que uma parcela significante do meio literário sofre de egoesclerose ou da mera dificuldade de compreender que qualquer veículo toma decisões não inclusivas. Ao mesmo tempo, a imensa maioria dos temporariamente recusados foi gentil, cortês e estreitou vínculos conosco. Dentro da nossa miudeza de projeto e do nosso lastro de quase 12 anos de publicação, não somos nada mais do que atravessadores, que tomam emprestado textos que julgamos bons.

Tudo nesse mundo é emprestado, como relembra a canção. Boa leitura a todos. OMBUDSMAN 5

Nuno Rau

A AURA ROMÂNTICA QUE PAIRA, IMPÁVIDA, E BRILHA NO CÉU DA PÁTRIA EM RAIOS FÚLGIDOS, ou: o conformismo nosso de cada dia.

Em Signos em rotação, Octavio Paz começa um ensaio com a seguinte questão: "Comecarei por uma confissão - estou certo da existência de alguns poemas escritos nos últimos anos por alguns poetas latino-americanos, mas não o estou da existência da poesia latino-americana." Sob os efeitos de uma inquietação semelhante, não me soa despropositado dizer que não estou certo da existência de uma poesia brasileira contemporânea, inquietação de fundo - percebo agora depois de alguns meses procurando desempenhar de modo ao menos aceitável a função provisória de ombudsman do jornal **RelevO** – que atravessa a quase totalidade dos textos elaborados entre marco e julho deste ano (e estendo essa quase angústia à prosa de ficção). Tomando o jornal como registro de um dado recorte dessa produção, a questão parece se justificar plenamente; para começar a refletir sobre o problema, confrontemos o conteúdo do editorial de julho com a carta de Ademir Demarchi do mesmo mês. O primeiro nos informa que são recebidos quase 400 textos por mês, o que gera, em razão do espaço disponível (em razão dos custos de impressão, são 24 páginas), uma recusa de 98% do material enviado. Se como termômetro tomarmos também a edição do mês passado, na qual nenhum/a poeta brasileiro/a foi publicado/a, ficamos diante da pergunta: a poesia remetida foi de fato tão inferior à prosa?

Antes de tentar aprofundar a questão, penso que cabe alguma conversa sobre os textos em prosa publicados, ainda diante da exposição pragmática do editorial, com seus 98% de recusas, mas diante, também, da nossa circunstância - e quero dizer com isso: da história, de nossa condição incontornável de animais políticos. Não, não estou estreitando os parâmetros de juízo para privilegiar uma produção que tem por tema explícito as questões especificamente políticas de nosso tempo, que são muitas e candentes; não desejo que todo mundo escreva romances como Zero, de Ignácio de Loyola Brandão, e Os que bebem como cães, de Francisco de Assis Brasil, ou contos como A morte de D.J. em Paris, de Roberto Drummond, e Você vai voltar pra mim e outros contos, de Bernardo Kucinski. A investigação do aspecto trágico de nossa condição como animais políticos está presente nos contos de Dalton Trevisan, quase sempre debruçados sobre a micropolítica dos

afetos, em Nelson Rodrigues e em Cassandra Rios, para não me estender em exemplos. "Primavera ao sol", de Luis Felipe Mendes dos Santos, não aproveita a concisão necessária ao conto para jogar com possíveis tensões da situação nele desenhada, conformando-se ao pitoresco e ao inusitado; esse lado inusitado é explorado por Fernanda Mellvee n"O amante fantasma", que também - em meu modo de ver, claro – tem diante de si a oportunidade criada pela trama insólita (ainda que já explorada, por exemplo, em Dona Flor e seus dois maridos, de Jorge Amado), mas não transita nas possibilidades de exposição mais caricata das fraturas expostas da relação conjugal em sua face micropolítica (impossível não pensar em Madame Bovary, em que Flaubert delineia esse jogo, milimetricamente). A surpresa, para mim, se resumiu ao fragmento do romance Na contramão, Curitiba, de D. K. Montoya, com suas descrições obsessivas, como se tentasse extrair dos detalhes aparentemente insignificantes e banalíssimos a possibilidade de um sentido, numa articulação entre forma e conteúdo que é o cerne da literatura. Não sei se é essa a proposta do romance, mas até para poder comprovar ou não essa intuição, me senti capturado pela vontade de lêlo. O texto do italiano Alberto Arecchi sobre Opicino de Canistris, apesar de estar entre meus interesses pelo tema (o tempo e o lugar em que a acumulação primitiva do capital foi, talvez, mais interessante – a Itália entre o fim da Idade Média e o Renascimento), não entra nesse argumento por não se tratar de autor brasileiro.

Retornemos, então, à poesia, que na edição passada esteve representada pelas traduções que Piotr Kilanowski trouxe de Jacek Podciadlo, poeta polonês contemporâneo, Irina Ratuchínskaia, porta russa nascida na atual Ucrânia, e Vasyl Symonenko, poeta ucraniano, com três poemas políticos que abordam a impossibilidade de ação diante da experiência totalitária e da guerra (tema candente, no momento em que duas nações imperialistas não vindas do projeto Escamandro, da poeta indiana Tishani Doshi, em que também estão imbricadas questões políticas no campo ampliado. Poesia brasileira contemporânea? territorialistas fazem a Ucrânia de marisco, entre a onda e a pedra); também as traduções, Nada. Aqui chegamos à (des) carta de Ademir Demarchi: "Por falar em poema, esse é um aspecto do jornal que o aproxima do Almanaque do Biotônico, assim como do próprio xarope, com esses textos choramingados e sentimentalóides ('gotas caem como chuva', 'ir garimpar estrumes de vazio', 'dói, mas estamos juntos regando plantinhas', 'regar as plantas dos pés', 'quem é mau, ama com maldade', 'o céu é cheio de imortalidades... a língua é sempre doce', 'e todas as noites têm lua e todas as noites têm cigarras'), todos textos que o tom marcante de kitsch a esse nano-nanico curitibano chegado a colunas dóricas." Se tomarmos exclusivamente os trechos apontados, chegaremos à conclusão de que a poesia anda tangenciando a banalidade com roupas de metáfora prêt-à-porter.

Voltemos ao texto de Octavio Paz para investigar suas conclusões. Depois de pôr de lado a poesia brasileira, por sua especificidade em relação à produzida no restante do continente, Paz conclui que a poesia precisa estar conectada a certa continuidade histórica: "Mas história e poesia se cruzam e às vezes coincidem. É indubitável que de Bolívar a Zapata e de Zapata a Fidel Castro - um aristocrata, um camponês e um revolucionário de classe média - há uma certa continuidade, não nas ideias mas nos propósitos profundos e talvez inconscientes. O que alguns chamam de 'lógica da história' e outros de 'destino'. Um poeta latino-americano não pod e ser insensível a essa continuidade, encontrar a palavra de origem e fundar uma sociedade não são, no essencial, tarefas contraditórias, mas complementares. Quando a história e a poesia rimam, essa coincidência se chama, por exemplo, Whitman; quando há discórdia entre uma e outra, a dissonância se chama Baudelaire."

Postos os termos do problema, é importante chamar atenção para a incompreensão de Paz sobre Baudelaire, que também não havia encontrado até então muita compreensão por parte dos críticos de esquerda, amarrados à leitura de seus poemas como expressões da arte pela arte, cuja exceção seria tão somente Walter Benjamin. Mesmo Brecht teria incidido nessa difração da leitura, quando disse: "Baudelaire é a punhalada final nas costas de Blanqui. A derrota de Blanqui é sua vitória de Pirro." É Dolf Oehler quem demonstra, décadas depois, como o poeta cifra sua escrita como "testemunha de acusação do processo que o proletariado move à classe burguesa", como

apontado por Benjamin, indicando um dos possíveis caminhos que podem ser trilhados com as devidas vênias do presente, suas complexidades e contradições específicas – sem deixar de considerar que, em parte, o século 19 não acabou, o que também se percebe por outra vertente da produção atual, que emula Baudelaire em sua forma (alguns com extenso domínio), sem apropriar sua subversão no jogo dos sentidos, sua maravilhosa traição de classe. Se tais poetas estão em um polo, no outro gravita o grupo de quem aposta na pura expressão, sem qualquer consciência dos debates que atravessam a poesia ao longo das décadas, estabelecendo em sua produção uma posição crítica, como fizeram poetas que marcaram território, como Drummond, Murilo, Cabral, Ana C., Waly, Secchin, Geraldo Carneiro e tant_s outr_s. É de Antonio Carlos Secchin, por sinal, uma das mais precisas observações que já li sobre a relação com a tradição, que não pode significar aprisionamento: "Há muitos modos de aprisionar o transbordamento do mundo, não queiramos que a poesia seja mais um. Ela deve ser a palavra vigorosa, diante de todo arbítrio classificatório, a voz que não se pode perceber senão nas margens. Por isso a poesia representa a fulguração da desordem, o mau caminho do bom senso, o sangramento inestancável do corpo da linguagem, não prometendo nada além de rituais para deus nenhum."

Novamente este ombudsman recorre a seus estratagemas para se queixar de não haver nenhum poema de poeta brasileir contemporâne (na edição de junho apareceu um, ao menos), por mais que ache importante haver textos de humor, embora o Mapa baixo astral não siga os passos de edições anteriores, por uma enorme e importante ressalva: o texto escorrega em estereótipos de certo universo masculino que não estão alinhados com um pensamento que se considere crítico. Uma boa referência é a série "Viver do riso", dirigida por Ingrid Guimarães, que mostra como o humor vem acompanhando as (necessárias) mudanças políticas do mundo (link para um episódio: bityli. com/uNQeoj). Sigo curtindo a nostalgia das colunas Enclave e Brazilliance, mas outra vez chamo aos editores a atenção de que poesia e ficção potentes, distantes da diluição, devem manter espaço nas páginas de RelevO.

Jack London

Tradução de Eder Capobianco

Jack London, batizado como John Griffith Chaney (São Francisco, 12 de janeiro de 1876 – Califórnia, 22 de novembro de 1916), era mais do que um escritor. Além de ter atuado como jornalista e ativista pelos direitos das mulheres, foi um pioneiro na corrida do ouro na América do Norte, tendo se aventurado no Vale do Klondike, na região canadense do Yukon, fronteira com o Alasca. O local foi o cenário de alguns dos seus melhores escritos de ficção, como seu primeiro romance, *A filha da nave* (1902), e seu primeiro conto, "O filho do lobo" (1900).

Antes disso, porém, London escreveu alguns artigos para revistas literárias e jornais. O primeiro foi "What Socialism Is", para o jornal *San Francisco Examiner*, na edição de Natal de 1895. "Sobre a filosofia de vida do escritor" foi sua quinta publicação, na edição de outubro de 1899 do *The Editor: A Journal of Information for Literary Workers*. Como um escritor ainda embrionário se descobrindo, este artigo revela o pensamento literário que formava o que viria a ser um dos mais bem-sucedidos homem das letras de seu tempo.

Sobre a filosofia de vida do escritor

O charlatão literário, aquele que se contenta em fazer "obras comerciais" pelo resto da vida, economizará tempo e aborrecimento ao deixar este artigo de lado. Não contém dicas, como o descarte de manuscritos, os caprichos da edição, o arquivamento de material, nem a perversidade inata de adjetivos e advérbios. "Trotadores das canetas" petrificados, passem longe! Isto é para o escritor — não importa quanto trabalho estereotipado ele esteja fazendo agora — que valoriza ambições e ideais, e anseia pelo tempo em que jornais agrícolas e revistas domésticas não mais ocupem a maior parte da sua estante para visitantes.

Como você, caro senhor, senhora ou senhorita, vai alcançar distinção no campo que escolheu? Gênio? Ah, mas você é um gênio. Se você fosse não estaria lendo estas linhas. O gênio é irresistível; joga fora todos os grilhões e restrições; não pode ser pressionado. O gênio é um avis rara que não pode ser encontrado flutuando em pequenos bosques, como você e eu. Mas, então, você é talentoso? Sim, em um tipo de forma embrionária. O bíceps de Hércules era um assunto diminuto quando ele era enrolado em cueiros. Assim é com você — seu talento não está desenvolvido. Se tivesse recebido nutrição adequada, e estivesse bem amadurecido, você não perderia seu tempo com esse texto. E, se você acha que seu talento realmente chegou a seus anos de circunspecção, pare aqui. Se você acha que não, então por quais métodos você acha que vai?

Por ser original, você imediatamente recomenda; depois acrescenta, e reforça constantemente essa originalidade. Muito bom. A questão não é apenas ser original — o próprio novato sabe disso —, mas, você pode ser para sua própria obra? Forçar os editores a ansiar por ela? Você não pode esperar tornar-se original seguindo o rastro de outro, refletindo Scott ou Dickens, Poe ou Longfellow, George Eliot ou Mrs. Crane, e muitos outros da crescente lista. No entanto, os editores e o público clamam por seus produtos. Conquistaram a originalidade. Como? Por não serem simplórios cata-ventos, virando-se para cada brisa que sopra. Eles, com os incontáveis fracassos, começaram nivelados na corrida; o mundo, com suas tradições, era sua herança comum. Mas em uma coisa eles diferem dos que falharam; eles extraíam direto da fonte, rejeitando o material que era filtrado por outras mãos. Eles não tinham utilidade para as conclusões e os conceitos dos outros. Eles colocaram a marca do "eu" em suas obras — uma marca registrada de valor muito maior do que os direitos autorais. Assim, do mundo e de suas tradições — que são outros termos para conhecimento e cultura eles extraíram em primeira mão certos materiais, com os quais construíram uma filosofia de vida particular.

Esta frase, "uma filosofia de vida", não permitirá uma definição precisa. Em primeiro lugar, não significa uma filosofia sobre qualquer coisa. Não tem preocupação especial com nenhuma questão, tais como o suplício passado e futuro da alma, o duplo e único padrão de moral para os sexos, a independência econômica das mulheres, a possibilidade de adquirir caráter por herança, espiritualismo, reencarnação,

temperança, etc. Mas está preocupado com todos eles, de certa forma, e com todos os outros costumeiros obstáculos que confrontam o homem ou a mulher que realmente vive. Em suma, é uma filosofia de vida de trabalho comum

Todo escritor permanentemente bem-sucedido possui essa filosofia. É uma visão peculiarmente sua. É um padrão pelo qual ele media todas as coisas que chegavam ao seu conhecimento. Por ela, ele enfocava os personagens que desenhava, os pensamentos que expressava. Por causa disso, seu trabalho era sensato, normal e fresco. Era algo novo, algo que o mundo desejava ouvir. Era dele, e não uma fala distorcida de coisas que o mundo já tiraba ouvido.

Mas não se engane. A posse de tal filosofia não implica ceder ao impulso didático. Porque alguém pode ter opiniões pronunciadas sobre qualquer questão, não é motivo para agredir o ouvido público com um romance com um propósito, e por esse motivo, não há razão para que ele não o faça. Mas será percebido, no entanto, que essa filosofia do escritor raramente se manifesta no desejo de balançar o mundo para um lado ou outro de qualquer problema. Alguns poucos grandes escritores foram declaradamente didáticos, enquanto alguns, como Robert Louis Stevenson, de uma maneira ao mesmo tempo ousada e delicada, se dedicaram quase inteiramente ao seu trabalho, e o fizeram sem transmitir a ideia de que tinham algo a ensinar.

E deve ser entendido que tal filosofia de trabalho permite ao escritor colocar não apenas a si mesmo em sua obra, mas colocar aquilo que não



Mulher. Mulheres. Plurais. Em um mundo dominado por homens, elas são silenciadas. Mas resistem. Sua submissão se dá somente até o momento em que reencontram o seu instinto mais primitivo de sobrevivência. Em Vinha d'Alho, o horror é marcado por agressões, suicídios, envenenamentos, um mundo fictício que desvela o lado mais sombrio da humanidade. Esta obra traz as muitas faces de uma mulher, as múltiplas versões de todas as mulheres, seus pedaços e seus impetos, o plural de fêmeas. Das fêmeas.

O livro Plural de Fêmeas pode ser adquirido na Editora Bestiário www.bestiario.com.br/livros/plural_de_femeas.html

ou direto com a autora.

www.sinarafoss.com.br

www.instagram.com/sinarafoss/

é ele mesmo, mas que é visto e ponderado por ele mesmo. De ninguém isso é mais verdadeiro do que daquele triunvirato de gigantes intelectuais -Shakespeare, Goethe e Balzac. Cada um era ele mesmo, e tanto, que não há ponto de comparação. Cada um havia tirado dessa provisão sua própria filosofia de trabalho. E por esse padrão pessoal eles realizaram suas obras. Ao nascer eles devem ter sido muito semelhantes a todos os bebês: mas de alguma forma, do mundo e de suas tradições, eles adquiriram algo que seus companheiros não adquiriram. E isso não era nem mais nem menos do que algo a dizer.

Agora você, jovem escritor, tem algo a dizer, ou apenas pensa que tem algo a dizer? Se você tem, não há nada que impeça que você o diga. Se você é capaz de pensar pensamentos que o mundo gostaria de ouvir, a própria forma de pensar é a expressão. Se você pensar com clareza, escreverá com clareza; se seus pensamentos são admiráveis, sua escrita também será admirável. Mas, se sua expressão é pobre, limitada, é porque você é limitado. Se suas ideias são confusas e bagunçadas, como você pode esperar uma expressão lúcida? Se seu conhecimento é escasso ou não sistematizado, como suas palavras podem ser amplas ou lógicas? E, sem o forte fio central de uma filosofia de trabalho, como você pode colocar ordem no caos? Como sua previsão e insight podem ser claros? Como você pode ter uma percepção quantitativa e qualitativa da importância relativa de cada fragmento de conhecimento que você possui? Como você pode ter algo para o ouvido cansado do mundo?

A única maneira de obter essa fi-

losofia é procurá-la, extraindo do conhecimento e da cultura do mundo os materiais que vão compô-la. O que você sabe do mundo sob sua superfície borbulhante? O que você pode saber das bolhas a menos que compreenda as forças que atuam nas profundezas do caldeirão? Pode um artista pintar um "Ecce Homo" sem ter uma concepção dos mitos e da história hebraica, e todos os variados traços que formam coletivamente o caráter do judeu, suas crenças e ideais, suas paixões e prazeres, suas esperanças e medos! Pode um músico compor uma "Cavalgada das Valquírias" e não saber nada dos grandes épicos teutônicos? Assim é com você — você deve estudar.

Você deve conseguir ler a face da vida com compreensão. Para compreender os personagens e as fases de qualquer movimento, é preciso conhecer o espírito que move indivíduos e povos à ação, que dá origem e impulso a grandes ideias, que enforca um John Brown ou crucifica um Salvador. Você deve ter suas mãos no pulsar interior das coisas. E a soma de tudo isso será sua filosofia de trabalho, pela qual, por sua vez, você medirá, pesará, equilibrará e interpretará para o mundo. É esse selo de personalidade, da visão personalizada, que é conhecido como individualidade.

O que você sabe de história, biologia, evolução, ética e os mil e um ramos do conhecimento? "Mas", você objeta, "não consigo ver como essas coisas podem me ajudar a escrever um romance ou um poema". Ah, mas vão. Elas ampliam seu pensamento, alongam suas perspectivas, retrocedem os limites do campo em que você trabalha. Elas lhe dão sua filosofia, que não

é como a filosofia de nenhum outro ser humno, forçam você ao pensamento original.

"Mas a tarefa é estupenda", você protesta. "Eu não tenho tempo." Outros não foram dissuadidos por sua imensidão. Os anos de sua vida estão à sua disposição. Certamente, você não pode esperar dominar tudo, mas na proporção em que você domina, sua eficiência aumentará, assim você chamará a atenção de seus companheiros. Tempo! Quando você fala de sua falta, você quer dizer falta de economia em seu uso. Você realmente aprendeu a ler? Quantos contos e romances insípidos você lê ao longo de um ano, procurando dominar a arte de escrever ou exercitar sua faculdade crítica? Quantas revistas você lê com clareza do começo ao fim? Há tempo para você, tempo que você tem desperdiçado com a prodigalidade de um tolo — tempo que nunca pode voltar. Aprenda a discriminar na seleção de sua leitura e aprenda a ler rapidamente e criteriosamente. Você ri do enfraquecido barba grisalha que lê o jornal diário, anúncios e tudo. Mas é patético o espetáculo que você apresenta ao tentar enfrentar a maré da ficção atual? Mas não a evite. Leia o melhor, e apenas o melhor. Não termine um conto simplesmente porque você o iniciou. Lembre-se de que você é um escritor, primeiro, último e sempre. Lembre-se de que essas são as falas de outras pessoas, e se você as ler exclusivamente, poderá deturpá-las; você não terá mais nada sobre o que escrever. Tempo! Se você não encontrar tempo, tenha certeza de que o mundo não encontrará tempo para ouvi-lo.



Flávio Sanso

Aos acouqueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e. num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroco. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o acouqueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avancam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Halyna Petrosaniak, Vasyl Stus e Serhij Zhadan

Tradução de Piotr Kilanowski

Na terceira parte do ciclo que está apresentando poetas ucranianos e poemas ligados com a Ucrânia, voltamos a trazer poesia de Vasyl Stus, o poeta ucraniano mais importante do século 20 e Serhij Zhadan, um dos mais importantes poetas contemporâneos. Os autores foram apresentados na primeira parte do ciclo publicado na edição de junho de 2022, por isso remetemos os leitores para que por lá procurem maiores informações sobre eles e seus outros poemas. A estreia poética dessa parte fica por conta de Halyna Petrosaniak (1969), representante de um fenômeno interessante na literatura ucraniana, assim chamado Grupo de Stanislaviv, artistas reunidos em torno da cidade de Ivano-Frankivsk (seu nome antigo era Stanislaviv ou Stanislavów). A poeta vive na Suíça desde 2016. Embora os poemas pareçam ter sido escritos por ocasião da invasão russa na Ucrânia, todos eles foram publicados bem antes de 2022. Isso permite ver por um lado a universalidade da poesia e, por outro, a presença do tema da opressão sofrida por parte dos russos (no caso de Stus) e da guerra que dura desde a anexação da Criméia e da guerra híbrida na região de Donbas, ou seja desde 2014.

Halyna Petrosaniak

Você não deveria se defender isso é ultrapassado dizem a ela seus vizinhos esses melhores aos quais ela sempre quis igualar-se você não deveria gemer e muito menos ensanguentada é um arcaísmo total e além do mais não é nada estético dizem aqueles de quem esperava ajuda simplesmente tenha juízo sorrindo docemente belamente deixe que te rasguem em farrapos e esqueça nós faríamos isso no seu lugar palavra de honra

Ти не повинна боронитися це застаріло кажуть їй сусіди ті кращі до яких прагнула наблизитись ти не повинна стогнати а тим більше волати спливаючи кров'ю це несусвітній архаїзм а до того ж неестетично кажуть ті від яких сподівалася на допомогу просто будь розумницею мило посміхаючись гарненько дай розірвати себе на шматки і забудь ми б так зробили на твоєму місці чесно-пречесно

Vasyl Stus

Às pessoas
condenadas à morte,
deram espingardas
(cumprindo sua última vontade).
E eles começaram a fuzilar
outros condenados à morte
para se reconciliar
com seu próprio fim.

Basta de sangue – declarou o carrasco,
mas a faca fincada debaixo das minhas costelas ainda estava cravada na minha espalda.
E eu pensei, me contorcendo de dor,
e se ele ainda resolver
me tratar?

Аюдям, рокованим на смерть, видали рушниці (вволили їхнє останнє бажання). І вони стали розстрілювати інших, рокованих на смерть, аби примиритися із власною загибеллю.

Досить крові – продекламував кат,
 коли ще ніж, загнаний мені попід ребра, стримів у спині.
 А я подумав, весь скривившись од болю:
 що як він заходиться ще
 й лікувати мене?

Serhij Zhadan

- Donde vens, bando de pássaros, nuvem negra triste?
- Nós somos da cidade que não mais existe.
 Trouxemos aqui, padre, humildade e pesar
 Diga aos seus que não há mais em quem atirar.

Nossa cidade era de pedra e ferragem. Nas mãos temos agora as malas de viagem. Em cada mala cinzas sob balas apanhadas. Até os sonhos recendem a casas incendiadas.

As mulheres da cidade eram tranquilas e barulhentas. De noite tocavam abismos com seus dedos lentos. Os mananciais na cidade eram profundos, como vivos. As igrejas eram imensas. Nós mesmos as destruímos.

As lápides melhor contarão a nossa história. Queremos, padre, só uma conversa simplória. Dê-nos o seu amor, o torno pode apertar. Você foi ensinado a confessar e comungar.

Diga-nos porque queimaram a nossa cidade. Diga ao menos que não fizeram isso por vontade. Diga no mínimo que os culpados serão castigados. Diga-nos sequer algo que não será noticiado.

Bem, vou lhes contar o que é uma perda imensa.
Claro, os culpados terão uma boa recompensa.
Ela espera também os inocentes e, por falar no tema,
Ela espera até os que não tiveram nada com o problema.

Por que vocês caíram nas correntes escuras? Deveriam ter lido com atenção as escrituras. Deveriam ter contornado os buracos do inferno. Um leigo não deve ver nos atos os desígnios do eterno.

Lembram que falam os profetas sobre a dor e a serenidade, sobre os pássaros que caem como pedras sobre as cidades?

Justo naquela hora as perdas vêm a começar.

No fim – é tudo ruim – não vou nem falar.

A diferença entre nós? Como entre as surdas e as sonoras. Todos suportam a morte se não é a sua hora. Ninguém nunca na vida evita o pagamento. Sempre falo isso aos meus, quando não tenho outro argumento.

Não sei nada sobre a necessidade de expiação. Não sei onde vão viver, nem como estarão. Falo sobre o que a cada um de nós é particular. Se soubessem como todos somos vítimas do azar... Звідки ти, чорна валко, пташина зграє?
Ми, капелане, мешканці міста, якого немає.
Прийшли сюди, принесли покору і втому.

Передай своїм, що стріляти більше немає по кому.

Наше місто було з каменю та заліза. У кожного з нас тепер у руці дорожня валіза. У кожній валізі попіл, зібраний під прицілом. Тепер навіть у наших снах пахне горілим.

Жінки в нашому місті були дзвінкі й безтурботні. Їхні пальці вночі торкались безодні. Джерела в місті були глибокі, наче жили. Церкви були просторі. Ми їх самі спалили.

Найкраще про нас розкажуть могильні плити. Можеш із нами просто поговорити? Даруй нам свою любов, стискай лещата. Тебе ж, капелане, і вчили сповідувати і причащати.

Розкажи нам, навіщо спалили наше місто. Скажи хоча б, що зробили це не навмисно. Скажи, принаймні, що буде покарано винних. Скажи взагалі бодай щось, чого не скажуть в новинах.

– Добре, давайте я розкажу вам, що таке втрата. Звісно, всіх винних чекає гідна розплата. І невинних вона, до речі, теж чекає потому. Вона чекає навіть тих, хто взагалі ні при чому.

Чому саме ви потрапили до темних потоків? Потрібно було уважніше читати книги пророків. Потрібно було оминати пекельні діри. Для мирянина головне – не бачити в дії символи віри.

Пам'ятаєте, що сказано в пророків про біль і терпіння, про птахів, які падають на міста, мов каміння? Ось саме тоді й починаються, власне, втрати. В кінці – там взагалі погано, не буду навіть розповідати.

Яка між нами різниця? Як між приголосними й голосними.

Всі готові сприймати смерть, якщо це буде не з ними. Ніхто й ніколи в цьому житті не омине розплати. Я завжди говорю про це своїм, коли не маю чого сказати.

Я не знаю нічого про неминучість спокути. Я не знаю, де вам жити і як вам бути. Я говорю про те, що кожному з нас властиво. Якби ви знали, як нам усім не пощастило.

Portal Fazia Poesia apresenta:



coquetel poético sabor Baumann

faziapoesia.com.br

o puro suco da contemporaneidade



9 tempos para entrar no mar

Raquel Zepka

- 1. uma mulher grande e seu amante pequeno beijam-se na imensidão salgada. parecem frutas murchas (pele de quem fuma tabaco) na água cúmplice.
- 2. senhor bem conservado próximo à plataforma com as mãos dentro (dentro!) do calção de banho não muito longe, um menino surfista dourado. Eles miram um ao outro.
- 3. barquinho enjoado carrega mais moças do que pode suportar. Uma delas, biquíni verde neon, lança uma garrafa de champanhe mar adentro.

Em seguida, lança-se na mesma direção, com tesão suicida.

- 4. sereias e monstros marinhos bêbados na camada mais profunda de sal.
- 5. se está sangrando é melhor não entrar/refri dá celulite/mormaço também queima minha mãe, eu 14.
- 6. dois salva-vidas vermelhos arrastam um homem sem idade para a superfície, ele veste camisa branca e vergonha.
- 7. as veias saltam, a boca encolhe, os cabelos quebram. Há uma senhora nadando contra a maré.
- 8. picolés de limão, Marlboro, Red Bull, um som tão violento que vira silêncio eles discutem na surdez do silêncio. Depois ela diz:
- Corno!

de dentro da água.

9. águas vivas olham pro mar de cima, identificam corpos similares, aguardam abdução.

APOIADORES









@solteoverbo.linguas





www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br









ENFEZA



Pandemia, eleições, Flamengo: todo mundo anda um tanto irritado. Os oito indivíduos bravamente localizados pelo **Jornal RelevO**, porém, caracterizam-se como os mais briguentos do Brasil. Para chegar até eles, descobrimos, via DM ou B.O., situações-bomba nos mais diversos contextos da nossa nação. Repassamos tudo à Polícia, que não quis assinar o Jornal, mesmo diante de tamanho serviço prestado à sociedade, alegando "falta de orçamento para baboseiras; e não tenho tempo para isso agora, Daniel, de novo esse papinho; vai dormir, cara".

1. "Briguei no Tibete", por Kethleen Costa, 32, Curitiba (PR).

Ai, gente, que mico. Mas olha, eu falei pra Mari que tenho personalidade forte. Não levo desaforo pra casa e não engulo nada mastigado [nota do Editor: nenhuma nota do Editor]. Aí sei lá, tava lá eu, a própria Mari, a Lari, a Cami, a Ju, a Ana, a Flavinha, a Lu, a Bru e a retardada da Marcela; e, veja, a gente só queria curtir aquela *vibe* mais silenciosa porque 17 dias de festa em outro continente, sei lá, é pegado, sabe. Aí vem esse... esse... MONGE completamente IMUNDO com uma capa que, ai, gente, só por Deus, e, enfim, sei lá, pra ser sincera nem lembro bem o que ele falou, mas que cara *arrogântê*; odiei o jeitão dele, tô nem aí, e ainda tava julgando a Ju pelas tattoos. Invejoso... Como sei que tava julgando? Nem olhou na cara dela, oras. Um *mêtídô*. Quando o santo (ou monge) não bate, bato eu! Hahaha mas sério, alguém pode pedir pro Presidente me tirar daqui?



2. "Eu perco a linha mesmo", por Bruninho Brandão, 38, Fortaleza (CE).

Se tem uma coisa que eu respeito é a infância, e não tolero que alguém tente contaminar a *minha* infância. Não, não tô falando do vizinho pedófilo – cala a boca, Alê, não se mete; caguei pra esse cara –, mas com muito desgosto recebi a informação de que uma nova adaptação *live action* do meu anime favorito, *A Longa Espada de Kansai*, vai transformar meu personagem mais querido, o jovem escoteiro Hiroshi, em uma *mulher*. Uma mulher! Foi muito dificil ouvir isso, e confesso que senti até um teto preto. Não sei mais o que fazer, porque já recorri a todas as instâncias possíveis. O Supremo ignorou o assunto, e a Supreme não vai cancelar a linha de camisetas d'*A Longa Espada de Kansai*. Espero sinceramente que todos os envolvidos em converter o Hiroshi em Himari – Hi-ma-ri, que nome ridículo! – *morram* engasgados. NÃO VOU fazer o bafômetro, Alê, isso é ABSURDO. Que que tem a ver medida cautelar?



3. "Livro bom é livro engolido", João Ribeiro, 33, Balneário Camboriú (SC).

Detesto arte e tudo a que ela diz respeito. Arte é permissiva demais e muito cambiante pra mim. Gosto de coisas planas, simplórias e previsíveis. Desejo boa sorte a todo mundo que resolve estudar, sei lá, "A pequena paisagem ritmada", de Paul Klee. Pô, qual o sentido, bicho, de passar quatro anos da sua vida estudando um monte de coisa que não chega a lugar nenhum e, principalmente, não vira uma casa, não vende anúncio e não impede morador de rua de dormir com conforto? Imagina o desgosto dos seus pais? Eles planejaram você por seis anos enquanto namoravam; resolveram casar um ano antes; fizeram chá de revelação quando você completou seis meses; compraram todo o enxoval; arrecadaram fraldas; gastaram com pré-natal; venderam o carro; sua mãe teve dificuldades no parto porque você nasceu prematuro e ficou quase um mês na incubadora – até acharam que você poderia ter alguma sequela respiratória -; por três anos tiveram que levar você correndo pro ambulatório a cada crise de asma. E o que você fez com todo esse esforço?! Foi estudar Deleuze, gastar todo o cartão de crédito da família com maconha e edições de colecionador de autor realista do século 19. Século 19! Igual o inútil do Jairinho. Já nem lembro o que me tirou do sério, sinceramente, mas graças a esse acesso de fúria ele pôde enfim comer o Moby Dick inteiro. Não, jamais queimaria um livro; isso é de uma deselegância tremenda – e pode acabar levando minhas plantas e maquetes junto. Mas estou sim curioso com os resultados da digestão do Jairinho.

DINHOS



4. Escritor rejeitado pelo RelevO: ler "Cartas dos leitores" (p. 3-4). É tudo real.



5. "Levantei o moleque sim", por Paulo Grabowski, 44, Campinas (SP).

Fala, mestre. Seguinte: minha filha ensaiou aquela quadrilha, cantou a música, memorizou a letra inteira de sei lá que porra aqueles pequenos analfabetos tavam balbuciando. Principalmente, eu perdi duas horas de uma quinta-feira — dia do poker com o Murilo da TI e o Bola da Logística — para ver um monte de miniatura demonstrando o básico da coordenação motora. Não tava com paciência, meu, é isso. Aí vem aquele... aquele... até me sobe o sangue, sabe, mas vem aquele mentecapto daquele filho do casal abobado que não diz não pra criança e, na hora de falar "Olha a cobra!" — uma frase tão estupidamente simples —, simplesmente *trava*. Antes. Da minha filha. Entrar. Dançando. Enquanto isso o Murilo já tinha tirado quinhentão dos estagiários. Aí, bom, as imagens não mentem. Felizmente não houve ferimentos graves etc. etc., sinto até que o ranhento gostou de voar. Depois a Samanta ainda fala que sou pai ausente. Tá louco, hein.

6. "Tu ofendeu minha dignidade SIM", por Pepeco, 56, Rio de Janeiro (RJ) – "coloca aí 'Posto 3'!".

Merhmãum, agredir e ser agredido em nome do beach soccer é uma honra pra mim. Não tenho a menor paciência com invejoso que vem falabóishta na minha frente. Já briguei com psicopata, ladrão, bandido, cheirador, vendedor de droga, polícia maluco, polícia assaltante e, principalmente, com muito zé b****a tido como normal, e pra mim é UM ORGULHO [grita]. UM ORGULHO [grita muito alto]. Uma vez na República Tcheca – um país sem litoral; engraçado, né –, um FILHO DA PUTA quis argumentar que o futebol de areia "não exige tanta técnica assim". Pensei que ele pudesse ter confundido com futvôlei – que é um lixo mesmo, coisa que até ator e gordo consegue praticar. Mas era o MEU beach soccer. Sem caô, ali eu saí do corpo. Minha mulher viu. Eishhhhmulhé, né, porque depois daquela a Silvinha desistiu. Silvinha, pelo amor de Deus, eu sou um homem novo, Silvinha. Eu nunca menti pra você, meu amor. Silvinha, tu é meu docinho, porra; volta pra mim, meu Deus do céu.

7. "Atropelei, não nego; resgato quando puder", por Laura Oliveira, 26, Goiânia (GO).

"Senta no fazendeiro que playboy não tem dinheiro"...Você tem noção do que é ter que ouvir incessantemente uma música desse tipo? Ou que fale de patricinha comendo poeira? Eu simplesmente ODEIO música sertaneja. ODEIO! Onde eu trabalho, no Hospital Goiânia Leste, até que não se ouve muito por justa proibição, mas sempre tem aquele sequelado que melhora um pouco de saúde e já mete um Só As Melhores 2022 no celular. Gente... O cidadão ainda tá em observação e já quer dar rolê com as idosas da ala mais vulnerável! Sem falar na autoestima desses caras... O furúnculo transformado em forma de vida bípede já chega passando a mão no cabelo, fazendo trocadilho de programa do Rodrigo Faro, bebendo uísque de 50tão com energético em copo adesivado de festa de atlética. Enfim, confesso que, certa vez, numa balada sertaneja aqui onde fui obrigada a ir - aniversário da Tetê do Teleatendimento –, um sujeito muito bêbado me abordou na saída, quase 4h da manhã, totalmente transtornado, aquele bafo de cocô, do álcool fermentado com cárie, sabe?, e encarnou em mim. Diz ele (dizia) que tava procurando a irmã, mas quem que vai ouvir historinha às 4h da manhã? Eu tinha plantão na manhã seguinte e definitivamente não tinha cheirado o suficiente pra tocar direto. Tentando me desvencilhar – e um pouco, digamos, entusiasmada pelos aditivos –, talvez eu tenha empurrado o sujeito na direção de um trator que passava na rua naquele exato momento (afinal Goiânia é exatamente assim). Me arrependi na hora porque eu mesmo tive que fazer o primeiro atendimento e constatar que ele tinha morrido ou tava com pulso fraco (não lembro exaaatamente). Ele acabou morrendo mesmo. E sabe o que é pior, adivinha se não tocou sertanejo no velório... ADIVINHA!? Conheci a irmã dele lá. Supergente boa, de fato tava perdida no dia. Acontece. Marcamos de sair.





8. "Fico indignado mesmo!", por Maurão, 49, Mossoró (RN).

A Bruna Marquezine mudou o cabelo e eu não posso comentar que ficou uma porcaria? Sei lá, esses cara são muito forçado; não dá pra falar nada. Mimimi cansa. O atacante do meu time ganha 500 mil por mês, cara; me dá 500 mil por mês que você vai ver se eu me incomodo com um anônimo enviando foto do meu filho na escola e uma ameacinha de sopapo. Essa internet é muita frescuragem. Na minha época Merthiolate ardia. Não que eu tenha usado muito Merthiolate. Me machuquei pouco — o que em parte é competência minha também, né. Mas uma vez ralei o joelho andando de patinete e, pô, ARDEU. Então, assim, é tão difícil pra esses intocáveis entenderem que a gente tem que acordar cedo e pode usar nossa liberdade de expressão? Aí enfim, tomarnocu, né, fui lá e tentei eu mesmo cortar o cabelo da Bruna Marquezine; é um direito meu! Fico puto, cara, te falar...

Testemunhas da solidão



Night Shadows, Edward Hopper, 1921.

Já tratamos algumas vezes da literatura policial na Enclave, muitas vezes desembocando organicamente no *noir*. Também já escrevemos especificamente sobre a solidão em *Mad Men*, obra-prima da televisão. Hoje, em outra eterna interseção (ou recursão?), ligamos mais pontos óbvios para seguir pensando dentro da caixa.

A literatura policial – essa mais urbana, americana, do século 20 – tem um apelo claro. Nas palavras de Raymond Chandler, seu representante máximo, mistérios "são quase que o único tipo de ficção que não está querendo dar um passo mais largo que as pernas". O gênero que o consagrou, moldado por Dashiell Hammett, é conhecido por apresentar detetives particulares apanhando, mas seguindo em frente até o fim da trama.

Hammett apresentou ao mundo Sam Spade e o agente da Continental; Chandler, Philip Marlowe; Rex Stout, Nero Wolfe e Archie Goodwin. Por fim, Ross MacDonald sustentou uma carreira longeva com seu herói Lew Archer, tão implacável como qualquer outro, mas talvez mais complacente com a miséria alheia.

Após uma longa sequência mergulhando nesses e em outros autores próximos (como Cornell Woolrich), porém mais recentemente conhecendo a fundo o desenvolvimento de MacDonald, este editor se perguntou, entre *trench coats* e gotas de chuva: para além de afinidade estética, onde está o apelo narrativo em acompanhar detetives particulares apanhando e seguindo em frente?

Sem o menor risco de trazer um raciocínio inédito, a conclusão é simples. Primeiro, sabemos que narrativa alguma se sustenta sem alguma relação (mesmo que de desprezo) com seus personagens. O enredo mais interessante do mundo não vale nada se os personagens são um lixo incapaz de articular nada além de lixo, ao passo que personagens interessantes vivendo um dia banal podem compor uma história cativante.

Com essa premissa bem estabelecida, a literatura dos detetives durões nos oferece uma relação curiosa. Afinal, ela funciona porque posiciona o leitor como testemunha da solidão de seus heróis. Sim, eles sempre apanham e seguem em frente. Mais do que isso, no entanto, esses personagens o fazem de maneira – constantemente – solitária, embora jamais declarada diretamente, ou com uma metafísica extensa. Estão cansados demais para isso.

Os detetives vagam, visitam locais onde não foram convidados para conversar com pessoas que não querem dialogar, extraem pedaços de informação, brigam, bebem, dormem mal e ligam pontos com pouco ou nenhum auxílio. Em primeira pessoa, com períodos curtos e diretos, expõem a própria vulnerabilidade enquanto relatam resiliência.

Ao leitor, também resta ir em frente. A literatura policial urbana desse grupelho de americanos é simplesmente irresistível.

https://www.imdb.com/title/tt6723592/



PALHAÇADA

Luis Reis & Haroldo Barbosa 1961

Palhaçada, também conhecida como Cara de Palhaço, foi apresentada em 1961 em ao menos nove singles e 12 álbuns. Não se sabe qual dessas gravações foi a primeira, afinal apenas as datas de lançamento são rastreáveis – se muito.

Assim, as primeiras faixas lançadas foram as de Dóris Monteiro, Walter Wanderley, Isaura Garcia e Ivon Curi em março, seguidas de Miltinho, Joab Teixeira





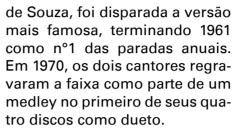


e Heraldo do Monte em abril.

Palhaçada foi o hit indiscutível de 1961 e é um grande exemplo de sambalanço, a mistura entre samba e bossa nova extremamente popular por algum tempo no início dos anos 1960.

Embora *Palhaçada* também tenha se tornado um hit para Miltinho – e uma de suas músicas consagradas –, a interpretação de Dóris Monteiro, arranjada e conduzida por Carlos Monteiro





O álbum *Dó-Ré-Mi-Fafá Le-mos*, de Fafá Lemos, que também reutilizou os arranjos de Nelsinho para o *Murmúrio* de Miltinho – composto por Djalma Ferreira e Luiz Antônio –, incluiu





uma versão de *Palhaçada* com um arranjo anterior, de Ivon Curi.

Luiz Reis e Haroldo Barbosa gravaram *Palhaçada* em 1962 no álbum de Reis *Samba de Balanço*, produzido por Haroldo Barbosa.

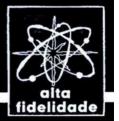






RelevO apresenta Brazilliance:

a música do mês para o conhecedor sofisticado! Ouça as gravações por meio do código OR ou conheça a canção nº 71 no BRAZILLIANCE.wordpress.com



ACEITARIA POR 70 REAIS AO ANO?



RelevO

Monocultura

Fernanda Lira

litchi chinensis: espécie do gênero botânico litchi pertence à família sapindaceae sendo sapi um radical latino

que significa sabiamente

árvore conhecida como lecheira, licheira ou uruvaia é natural de algumas regiões da ásia china, índia, madagascar, bangladesh, paquistão, nepal taiwan, tailândia, indonésia, filipinas, vietnã

achada no méxico, no interior serrano do estado do rio de janeiro e na barraquinha (duas caixas por dez reais) do largo do machado

em dois mil e dezenove, é facilmente encontrável

(agora em ordem alfabética:

bangladesh, barraquinha do largo do machado, china, filipinas, índia, indonésia, madagascar, méxico, nepal, paquistão, rio de janeiro, tailândia, taiwan, vietnã)

é grossa a casca e doce o sumo é rosa fora e branca dentro é tenra a carne e duro o caroço é macia à língua como uma buceta

tem uns defeitos:

não se come com uma mão apenas

enquanto a outra segura decidida e suavemente um livro de poemas aberto sobre os olhos não se come sem dois pratos: um com as frutas

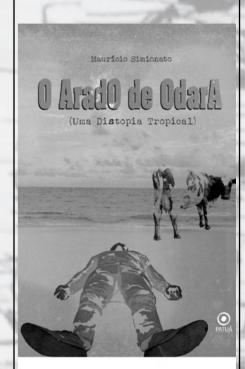
já lavadas, sim sim outro vazio para duras cascas nem tão duras diria firmes não se come sem certa ajuda

é preciso pratos, é preciso papéis, é preciso água depois é preciso limpar os dedos e os cantos da boca

(agora o mote disto:
não entender
como pode ser que tenha sido inventado com tamanho
requinte de perfeição o que não posso provar
chupar lamber engolir
enquanto seguro na outra mão um livro de poemas)

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da "distopia tropical", à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem",

Amanda Vital, poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "Impermanência" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017. Desde a edição de junho, o **RelevO** republica artigos do projeto Escamandro (escamandro.wordpress.com), dedicado à poesia, crítica e tradução literária. O coletivo recentemente encerrou suas atividades de mais de dez anos.

Warsan Shire

Tradução de Laura Assis

Warsan Shire nasceu no Quênia em 1988, mas cresceu em Londres. Estudou escrita criativa na London Metropolitan University. É autora de *Teaching My Mother How To Give Birth* (flipped eye, 2011) e *Her Blue Body* (flipped eye, 2015). Em outubro de 2013, Shire foi selecionada como a primeira poeta jovem laureada de Londres. Teve alguns de seus versos usados por Beyoncé em canções e videoclipes de *Lemonade* (2016) e colaborou com o roteiro de *Black Is King*, álbum visual lançado por Beyoncé em 2020.

As primeiras traduções de Warsan Shire que realizei eram de poemas que versavam principalmente sobre abandono, problematizando, mais especificamente, o lugar do feminino em dinâmicas de relacionamentos afetivos. Parecia haver ali um campo de significados para o qual palavras como "empoderamento", "superação" e "autoconhecimento" poderiam ser facilmente convocadas, mesmo que não textualmente, como ocorre em "for women who are difficult to love" e "the unbearable weight of staying", entre outros textos que figuram na plaquete de estreia da autora.

O trabalho seguinte de Shire, entretanto, começa a aprofundar temas que até já eram apontados anteriormente em sua obra, como ancestralidade e imigração, mas que agora passam a figurar de modo mais complexo na poesia dessa autora, ao lado de questões referentes à violência doméstica e abuso sexual. Os poemas de Her Blue Body não abandonam a reflexão e o questionamento sobre o lugar social da mulher: ao contrário, parecem empreender uma busca ainda mais densa, interessada em investigar os mais cruéis e incontornáveis desdobramentos da violência de gênero, do patriarcado e da misoginia, como ocorre em "Backwards", poema de Shire que traduzi ano passado e foi publicado no site da iniciativa Mulheres Que Escrevem.

Sobre esse poema, gostaria de fazer ainda duas observações. 1) Na segunda estrofe, a autora utiliza um provérbio somali ("Nin soo joog laga waayo, soo jiifso aa laga helaa") que, em tradução livre, significa "aquele que não escuta avisos acaba entrando em confusão". Shire já tinha usado provérbios dessa língua em outras ocasiões, como no título de sua plaquete de estreia publicada em 2011, Teaching My Mother How to Give Birth, que significa "Ensinando minha mãe a dar à luz", e é uma tradução direta de um provérbio somali geralmente usado para censurar jovens que se julgam mais sábios que seus pais. 2) Quando lidos pela poeta em eventos, os dois primeiros versos da terceira estrofe costumam ser modificados: no lugar de "Pode ser que ela tenha um plano,/pode ser que ela tenha levado ele de volta pra casa (...)", Shire lê "Pode ser que Rihanna tenha um plano,/pode ser que ela tenha levado Chris de volta pra casa (...)", fazendo referência ao conhecido episódio em que o rapper Chris Brown agrediu fisicamente sua então namorada, a cantora Rihanna.





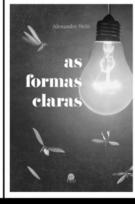
LIVROS 出POESIA



ISTOEDICOES.COM.BR







A casa

i

Minha mãe diz que dentro de toda mulher existem cômodos trancados: a cozinha do desejo o quarto da tristeza, o banheiro da indiferença. Às vezes os homens trazem chaves, às vezes os homens trazem martelos.

ii

Nin soo joog laga waayo, soo jiifso aa laga helaa, Eu disse pare, eu disse não, e ele não ouviu.

iii

Pode ser que ela tenha um plano, pode ser que ela tenha levado ele de volta pra casa só para fazê-lo acordar horas mais tarde, numa banheira cheia de gelo, com a boca seca, encarando sua nova e linda cicatriz.

įν

Eu aponto pro meu corpo e digo Ah, isso aqui? Imagina, vesti correndo.

v

Você vai comer isso aí?

Eu pergunto pra minha mãe, enquanto aponto pro meu pai, servido na mesa com uma maçã inteira na boca.

vi

Quanto maior meu corpo, mais cômodos trancados e mais homens chegando com chaves. Artur não forçou a entrada até o fim e eu ainda penso em tudo que ele poderia ter inaugurado dentro de mim. Bruno veio e ficou três anos na porta. João, o dos olhos azuis, chegou com a caixa de ferramentas que ele costumava usar com outras mulheres: um grampo, um vidro de alvejante, um canivete e um pote de vaselina. Vitor chamou por Deus pela fechadura e ninguém respondeu. Alguns imploraram, alguns me escalaram buscando uma janela, alguns disseram que já estavam saindo, que estavam a caminho, e nunca vieram.

vi

Mostra pra gente, aqui na boneca, onde te tocaram, eles dizem. Eu não sou uma boneca, eu sou uma casa, eu digo, e eles dizem: então mostra na casa.

Assim: dois dedos enfiados na geleia Assim: um cotovelo submerso na banheira. Assim: uma mão dentro da gaveta.

viii

Preciso te contar sobre meu primeiro amor: ele achou um alçapão embaixo do meu seio esquerdo há nove anos, caiu e ninguém nunca mais o viu. De vez em quando sinto algo se arrastando pelas minhas coxas. Se ele aparecesse por aqui, eu provavelmente o deixaria sair. Espero que ele não tenha esbarrado nos outros caras lá esquecidos, meninos do interior, agora sumidos, filhos de mães simpáticas, que fizeram coisas erradas e se perderam no labirinto dos meus cabelos. Até que os trato bem, dou uma fatia de pão ou uma fruta quando se comportam. Menos João, o dos olhos azuis, que arrombou minhas fechaduras e se esgueirou aqui para dentro. Menino mau, acorrentado no porão dos meus medos, escuto música para não escutá-lo.

ix

Toc toc Quem é? Ninguém.

x

Nas festas eu aponto pra mim mesma e digo É aqui que o amor vem pra morrer. Bem-vindo, entre, sinta-se em casa. Todo mundo ri. Eles pensam que estou brincando. The House

i

Mother says there are locked rooms inside all women; kitchen of lust, bedroom of grief, bathroom of apathy.

Sometimes the men – they come with keys, and sometimes, the men – they come with hammers.

19

ii

Nin soo joog laga waayo, soo jiifso aa laga helaa, I said Stop, I said No and he did not listen.

iii

Perhaps she has a plan, perhaps she takes him back to hers only for him to wake up hours later in a bathtub full of ice, with a dry mouth, looking down at his new, neat procedure.

iv

I point to my body and say Oh this old thing? No, I just slipped it on.

7

Are you going to eat that? I say to my mother, pointing to my father who is lying on the dining room table, his mouth stuffed with a red apple.

vi

The bigger my body is, the more locked rooms there are, the more men come with keys. Anwar didn't push it all the way in, I still think about what he could have opened up inside of me. Basil came and hesitated at the door for three years. Johnny with the blue eyes came with a bag of tools he had used on other women: one hairpin, a bottle of bleach, a switchblade and a jar of Vaseline. Yusuf called out God's name through the keyhole and no one answered. Some begged, some climbed the side of my body looking for a window, some said they were on their way and did not come.

vi

Show us on the doll where you were touched, they said. I said I don't look like a doll, I look like a house. They said Show us on the house.

Like this: two fingers in the jam jar Like this: an elbow in the bathwater Like this: a hand in the drawer.

viii

I should tell you about my first love who found a trapdoor under my left breast nine years ago, fell in and hasn't been seen since. Every

now and then I feel something crawling up my thigh. He should make himself known, I'd probably let him out. I hope he hasn't

bumped in to the others, the missing boys from small towns, with pleasant mothers, who did bad things and got lost in the maze of

my hair. I treat them well enough, a slice of bread, if they're lucky a piece of fruit. Except for Johnny with the blue eyes, who picked my locks and crawled in. Silly boy, chained to the basement of my fears, I play music to drown him out.

ix

Knock knock. Who's there? No one.

X

At parties I point to my body and say *This is where love comes to die. Welcome, come in, make yourself at home.* Everyone laughs, they think I'm joking.



Trecho de Metamorfoses do Sr. Ovídio (Arte & Letra, 2022)

Julia Raiz

XXX

Sr. Ovídio quer dinheiro porque ama dinheiro e dinheiro é o rei soberano de sua imaginação. Tendo dinheiro se tem a possibilidade de ser outra pessoa. Sr. Ovídio é um vendedor de cachorro-quente na imaginação de um menino que ama dinheiro. Sr. Ovídio vende cachorro-quente com um delicioso purê de batatas, pensa que vai comprar um jipe para a irmã mais velha com o dinheiro do cachorro-quente, com o dinheiro também vai poder viajar pra Maceió e também vai ser uma pessoa cheirosa que abraça os outros como se deve abraçar, sem medo de estar fedendo.

Com dinheiro é possível comprar um medalhão para pendurar no pescoço e jogar os cartões telefônicos e os cupons de desconto para sabão em pó no lixo. É possível pagar para que alguém esfregue a chapa em seu lugar e fique com as unhas porosas em seu lugar e perca as unhas em seu lugar. Com dinheiro é possível fazer escorregar latas de tomate sem pele para dentro do carrinho como se nada, dezenas de latas batendo nas grades de metal do carrinho compõem uma sinfonia audível aos ouvidos do Sr. Ovídio. É possível, com dinheiro, ingerir cápsulas bicolores, carregar cartelas de remédios no bolso e acertar o alarme do relógio para não esquecer o horário de lançá-las, quase entediado, para dentro da boca. O maior poder transformador do mundo é com certeza o dinheiro, é o que não sabe que pensa o menino que sabe que imagina ser o Sr. Ovídio, o rico vendedor de cachorro-quente.

Vamos além da imaginação do menino, vamos dizer que Sr. Ovídio, quando assiste à entrevista da filha da Ingrid Bergman, pela TV Brasil, dentro do trailer, olha para essa mulher que ama insetos e pensa nas suas maneiras de acasalar (também o acasalamento fica melhor com dinheiro). Sr. Ovídio sabe que com dinheiro é possível se transformar num morcego que usa um sentido chamado sonar ou ecolocalização e não há razão para que se suponha que isso seja subjetivamente parecido a qualquer coisa que se pode experienciar ou imaginar como ser humano. Tudo o que as crianças sem dinheiro, como o menino que imaginou o Sr. Ovídio, querem é ter dinheiro e serem amadas por isso e resolver os problemas de suas famílias e serem mártires em paz. Tudo o que as crianças sem dinheiro querem é imaginar suas vidas ricas, achar cinquenta reais na rua, comprar - não pedir, não ganhar, não ter que agradecer educadas, comprar não ganhar — o quanto de porção extra de maionese elas quiserem no cachorro-quente. Depois, de barriga cheia, chegar em casa e assistir vídeos esfregando no olho, para adormecer, notas de cem reais como antes faziam com seus cobertorzinhos encardidos. Não ouvir mais a mãe dizer <<já disse mil vezes, não tenho dinheiro, tenho conta pra pagar, mas isso não significa nada pra você, nada nada>>.

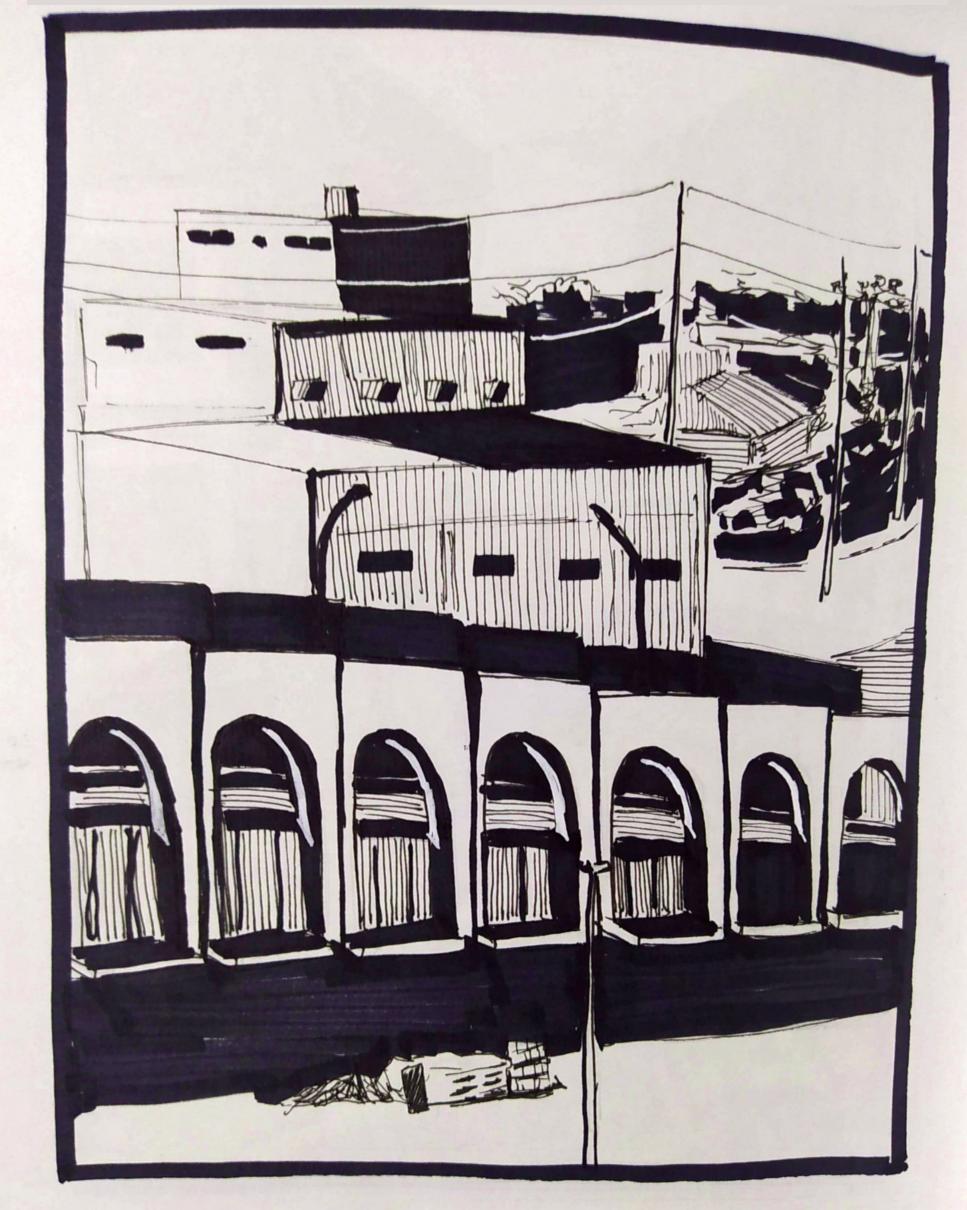
Por fim, o que querem as crianças sem dinheiro é esquecer o que as mães foram forçadas a aprender desde cedo: que os adultos botam os cachorros para lutar em eventos chamados rinhas e que depois os assam em grelhas quentes quando querem comer churrasco, que as promessas de trabalho no sul do país, para ganhar uma renda extra, são perigosas e que viver tem consequências difíceis demais de entender por completo.



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br





mas que inferno

Mariana Soeiro

os policiais odeiam os jornalistas, e é exatamente esse o ponto: eu vou cravar as minhas unhas no teu peito e rasgar tua pele igual adolescentes em 2006 rasgavam papel crepom pra tingir o cabelo às escondidas no quintal das casas, vou pendurar uma luminária nos teus pulmões, trocar os papéis de parede do teu estômago e mudar a maçaneta do teu apêndice; vou receber cartas com perfume borrifado nos envelopes através da tua boca aberta, porque os policiais odeiam os jornalistas, e é exatamente esse o ponto.

"ah", você vai me dizer, sempre apático e feio, "por que não fala sobre a cólera? sobre a peste, sobre a fome, sobre a ucrânia, sobre zaratustra, sobre o greca, sobre o sentido da alferes poli, sobre a gastrite, sobre a mãe que perde o filho, sobre os megalomaníacos, os acumuladores, os obsessivos-compulsivos, os leprosos, os carniceiros? por que não me diz mais sobre as manchas de menstruação nos chãos dos presídios femininos, sobre o médico que fez de uma mulher várias postas e tirou suas digitais em mil-novecentos--e-o-caralho, sobre o populismo de getúlio vargas e seu reflexo nas salas de cinema de 2022, sobre o tráfico, sobre o crime, sobre a comunidade?", você vai me dizer. eu vou tragar um cigarro fundo, muitíssimo fundo, e sentir a fumaça tomando os vãos entre cada um dos meus ossos molhados — beeeeeeeeeeem devagarzinho —, abraçando minhas cartilagens, cozinhando meus músculos a vapor. vou soprá-la no teu rosto, apático, feio, e te dizer que é porque não se fazem mais giletes como antigamente; e é exatamente esse o ponto.

a tela do meu celular vai acender às 4 horas da manhã quando teu cotovelo apertar o botão lateral sem querer e, com metade do teu rosto em luz e outra em breu, vou te olhar — mas tua pupila queima minha córnea, porque é obscena. eu vou levantar teu lábio superior e lamber tuas gengivas, teus dentes, a parte de dentro da sua bochecha, a sua língua, a sua úvula, a sua traqueia, e aí vou te chamar pra dançar, e você vai dizer, sempre apático, que "as coisas têm seu tempo, mafê, você precisa relaxar mais. por que não fala sobre aquele filme que viu semana passada deitada no colchão da sala da tua casa, ou sobre a queda da safra do café no país cafeeiro, ou sobre o churrasco dos pastores das igrejas evangélicas?", você vai me dizer, apático, feio.

eu bem vou olhar pras tuas costelas, passar a minha língua entre cada uma delas, contá-las, cozê-las na acidez da minha saliva como se fazem ceviches nos restaurantes peruanos, e te responder que é porque, quando criança, eu ouvia as músicas da ana carolina e achava que era um homem — e é exatamente esse o ponto.

você vem e joga cascalho do parquinho do condomínio na janela do meu apartamento do segundo andar, num complexo ridículo de um romeu que você jamais seria, e em toda vez que você faz isso eu sempre tô segurando uma caneca de chá e sinto uma vontade pungente de te ver fazendo baliza no centro movimentado de um sábado de feira à tarde. o vidro tá cheio de riscos, e você não se importa, e o limpol tá caro pra cacete, e nada, NADA, NADA me tira desse marasmo porque nunca vi teu nariz enfiado num maracujá grande, suculento, pesado e com a casca machucada. "se é pra não falar nada, a troco de que me faz vir até aqui?", você me cospe, e eu penso que é pra te arrancar essa apatia e essa feiúra, mas fecho a cortina e te grito que é porque "eggs benedict" é um prato que nunca deveria ter sido traduzido pro português — e é exatamente esse o ponto.

"i don't wanna fight no more", do alabama shakes, é a que você coloca na festa, e eu penso que i wanna fight pra caralho sim, senhor, e aí você pega na minha bunda, morde meu pescoço, bate na minha cara e eu penso que uma endoscopia talvez me desse mais tesão; e você me olha apático, feio, e me fala "mafê, por que você é assim? por que não me pega na mão pra falar sobre a bolsa, sobre a taxa selic, sobre filme cult, sobre o fim do drive-in, sobre a volta de messias, sobre uma colunista de 40 anos que não fale de namorico desde os 20?", você me diz apático, feio, e a luz da festa bate no meu rosto e eu sei que ela foi comprada na casa china e subitamente a cerveja da minha mão vira o xarope quente mais repugnante que já provei nos últimos meses, e subitamente eu te enxergo meio calvo, e então você me olha de novo, apático e feio, e se vê integralmente apaixonado por cada um dos pelos das minhas pernas e da minha virilha; e você me funga atrás da orelha sem nem ter ideia de que um dia ali coloquei um piercing, e me fala "ai, mafê, como você é inteligente, estudada, referenciada, por que não aproveita mais? por que não me fala da guerra, do estoicismo, da etimologia latina?", você me fala, apático, feio, e eu te olho como se o chão fosse se abrir aos teus pés e eu finalmente fosse ter paz e de uma vez por todas te digo que é "porque eu quero falar de amor, seu filho da puta."

e é exatamente esse o ponto.

